

Fora do campo, uma goleada de calotes

24-11-57

Cartolas dão golpes até no próprio clube

Bolso de dirigente é uma caixinha de surpresas. O hábito de dar calote — nos adversários ou nos próprios companheiros — é tão antigo que merecia uma frase de efeito a la Neném Prancha. Para escapar da marcação dos cobradores, os cartolas inventam firulas de dar inveja a qualquer craque. O Santos de Pelé, por exemplo, deu um “chapéu” no Flamengo que desafia o tempo: em 1959, Pavão foi contratado ao clube carioca, onde vivera os três melhores anos de sua carreira (chegou até à seleção). Zagueiro viril, raçudo, de boa impulsão, mas tecnicamente deficiente, ele ficou até 1963 no **dream team** da época. Oito Copas do Mundo já se passaram e o rubro-negro nunca viu a cor desse dinheiro.

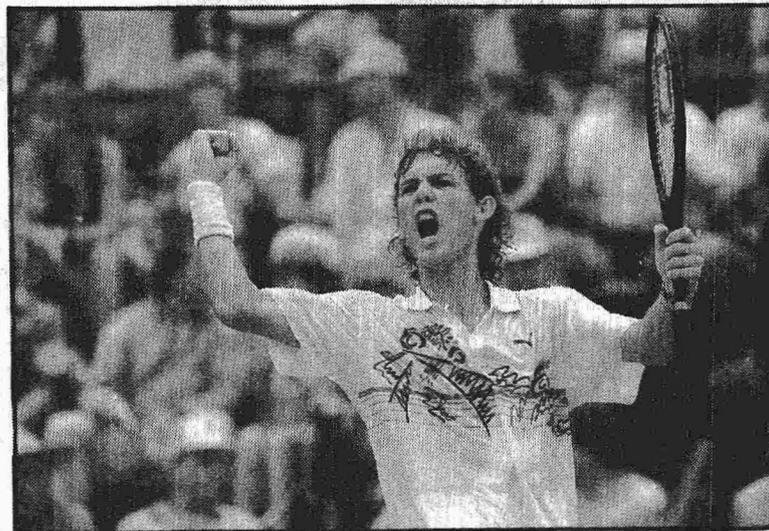
Em 1979, era a vez do Fluminense ver um negócio das Árábias ir por água abaixo. Um dos maiores jogadores da história do clube, Rivelino, foi vendido por US\$ 500 mil ao Al Ahli, da Arábia Saudita. Os árabes pagaram com cinco cheques sem fundos (o ex-dirigente Sílvio Vasconcellos tem um



Pavão: seu passe nunca foi pago

guardado em casa). Quatro anos depois de muitos apelos a um tricolor ilustre — João Havelange, presidente da Fifa — o Fluminense recebeu US\$ 400 mil. Os US\$ 100 mil restantes seriam pagos com as cotas de quatro amistosos — nunca realizados. Por fim, o dinheiro foi contabilizado pelo clube como perda financeira.

Custódio Coimbra



Oncins: credor de US\$ 142 mil da Confederação Brasileira de Tênis

Se foram vítimas nessas duas histórias, os clubes são, na maioria das vezes, vilões. Os funcionários do Flamengo reclamam que o clube não deposita o Fundo de Garantia há quatro anos. A dívida está em torno de US\$ 500 mil. Os atletas amadores já se cansaram de ouvir dos dirigentes que não há dinheiro para pagar suas minguadas ajudas de custo — que variam de Cr\$ 200 mil a Cr\$ 1,5 milhão. Quando o clube resolve pagar, o faz meses depois, sem qualquer correção.

Se cada “devo não nego” valesse dois pontos, o Botafogo estaria cheio de títulos. O clube já deu tantos calotes que o presidente Emil Pinheiro garante que, desde 1988, gastou em torno de US\$ 1 milhão do próprio bolso para pôr as dívidas em dia. Ainda assim, o débito com a Previdência é de aproximadamente Cr\$ 400 milhões. Mas o último calote de um dirigente aconteceu recentemente. E o que é pior: contra o próprio Botafogo. Emil acusa o ex-dirigente Aníbal Fonseca de ter lesado o clube em quase US\$ 500 mil. Emil afirma, entre outras coisas, que Aníbal recebia as cotas das rendas dos jogos destinadas ao clube e as aplicava em sua conta particular (e sem a intermediação de nenhum fantasma).

Vasco e Fluminense travaram, nos últimos anos, um verdadeiro clássico dos calotes. O Vasco atacou primeiro: pagou com um cheque sem fundos de Cr\$ 85 milhões a segunda parcela da compra do passe do zagueiro tricolor Torres. Depois, acabou recuando e pagando a dívida fora do prazo. Mas o Fluminense não se deu por satisfeito: agora, exige uma multa, prevista no contrato por esse atraso. Os tricolores querem Cr\$ 700 milhões. Na Justiça Esportiva, perderam na primeira instância e ganharam na segunda. O jogo continua, esperando o apito final do juiz. Na Justiça Comum.

E quem disse que rico não dá calote? O tênis, conhecido como esporte de elite, também tem seus maus pagadores. Há mais de um ano, a Confederação Brasileira de Tênis vem (en)rolando uma dívida de US\$ 142 mil com a equipe da Copa Davis de 1992. Os problemas começaram no ano passado, quando o Brasil venceu a Índia e garantiu sua passagem ao Grupo Mundial (a elite do tênis). A dívida da CBT foi crescendo à medida que Oncins, Mattar & Cia. avançaram na chave principal, eliminando potências como a Alemanha de Boris Becker e a Itália.



Torres teve seu passe pago pelo Vasco, ao Flu, com cheque sem fundos